

### ARTIGO ORIGINAL

**Submissão** 15-10-2021 **Aprovação** 13-04-2022

#### Como citar este artigo

Gomes RS, Faustino AM,
Luchesi LB, Porto F.
Centro Acadêmico
de Enfermagem da
Universidade de Brasília:
campus Darcy Ribeiro
(1982-1990). Hist
Enferm Rev Eletrônica.
2022;13(1):7-20.
https://doi.org/10.51234/
here.2022.v13n1.e01

# Centro Acadêmico de Enfermagem da Universidade de Brasília: campus Darcy Ribeiro (1982–1990)

Nursing Students' Union of the University of Brasilia: Darcy Ribeiro Campus (1982–1990)

Centro de Estudiantes de Enfermería de la Universidad de Brasilia: Campus Darcy Ribeiro (1982–1990)

Rosália Souza Gomes<sup>I</sup> ORCID: 0000-0001-6130-0400 Andréa Mathes Faustino<sup>I</sup> ORCID: 0000-0002-5474-7252 Luciana Barizon Luchesi<sup>II</sup> ORCID: 0000-0002-7282-109X Fernando Porto<sup>III</sup> ORCID: 0000-0002-2880-724X

- <sup>1</sup> Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- $^{\mbox{\tiny II}}$  Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.
- <sup>III</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

#### **RESUMO**

Objetivo: analisar a criação e consolidação do Centro Acadêmico de Enfermagem da Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, durante o período de 1982 a 1990. Métodos: estudo situado no campo histórico, tendo como domínio a História da Enfermagem e abordagem metodológica da História Oral Temática. Resultados: no total, foram entrevistados seis participantes, sendo um docente e cinco egressos do curso, que vivenciaram o período de formação do órgão estudantil. O diálogo entre as entrevistas e suas narrativas resultou em três eixos temáticos: Eixo I, "Inserção dos entrevistados na Universidade de Brasília", Eixo II, "A universidade no período estudado", e Eixo III, "O Centro Acadêmico de Enfermagem: da criação à consolidação", que foram triangulados com fontes. O ingresso e a permanência no Centro Acadêmico de Enfermagem, em seu início, estiveram atrelados à necessidade de defender os interesses coletivos, o auxílio às demandas emergentes dos estudantes de enfermagem, assim como a criação de uma representação política para o curso. Conclusão: observouse participação ativa dos entrevistados no processo de politização e melhoria do curso de enfermagem da Universidade de Brasília e nos frutos que suas gestões deixaram.

**Descritores:** História da Enfermagem; Enfermagem; Estudantes de Enfermagem; Instituições Acadêmicas; Escolas de Enfermagem.

**Autor correspondente** 



Andréa Mathes Faustino E-mail: andreamathes@ unb.br



#### **ABSTRACT**

**Objective**: to analyze the creation and consolidation of the Nursing Students' Union of the *Universidade de Brasília*, Darcy Ribeiro Campus, during the period from 1982 to 1990. **Methods**: historical study carried out in the field of History of Nursing, using Thematic Oral History as a methodological approach. **Results**: in total, six participants were interviewed, one professor and five former students of the course, who experienced the training period in the student organization. The dialog between interviews and their narratives resulted in three thematic lines: Line I, "Insertion of interviewees in *Universidade de Brasília*", Line II, "The university in the studied period", and Line III, "The Nursing Students' Union: from its creation to consolidation", which were triangulated with sources. Admission and retention in the Nursing Students' Union initially were linked to the need to defend collective interests, the support for demands emerging from nursing students, as well as the creation of a political representation for the course. **Conclusion**: the active participation of interviewees in the process of politicization and improvement in the nursing course of the University of Brasília and in the fruits left by its managements was observed.

Descriptors: History of Nursing; Nursing; Students, Nursing; Schools; Schools, Nursing.

#### **RESUMEN**

Objetivo: analizar la creación y consolidación del Centro de Estudiantes de Enfermería de la *Universidade de Brasília*, Campus Darcy Ribeiro, durante el periodo de 1982 a 1990. Métodos: estudio situado en el campo histórico, que tiene como dominio la Historia de la Enfermería y enfoque metodológico de la Historia Oral Temática. Resultados: en total, seis participantes fueron entrevistados, de los cuales uno era docente y cinco eran egresados del curso, que vivieron el periodo de formación del organismo estudiantil. El diálogo entre las entrevistas y sus narraciones resultó en tres ejes temáticos: Eje I, "Inserción de los entrevistados en la *Universidade de Brasília*", Eje II, "La universidad en el periodo estudiado", y Eje III, "El Centro de Estudiantes de Enfermería: de la creación a la consolidación", que se triangularon con fuentes. El ingreso y la permanencia en el Centro de Estudiantes de Enfermería, en principio, estuvieron vinculados a la necesidad de defender los intereses colectivos, el auxilio a las demandas emergentes de los estudiantes de enfermería, así como la creación de una representación política para el curso. Conclusión: se observó la participación activa de los entrevistados en el proceso de politización y mejora del curso de enfermería de la Universidad de Brasilia y en los frutos que dejaron sus gestiones.

**Descriptores:** Historia de la Enfermería; Enfermería; Estudiantes de Enfermería; Instituciones Académicas; Facultades de Enfermería.

#### INTRODUÇÃO

O movimento estudantil, de forma geral, é atuante e presente no cenário político latino-americano desde o século passado. No Brasil, essa trajetória se alinha a grandes momentos históricos, como a criação da Federação dos Estudantes Brasileiros em 1901, a realização do I Congresso de Estudantes em São Paulo em 1910, a criação da União Nacional dos Estudantes em 1937, além da atuação desses movimentos estudantis durante a Segunda Guerra Mundial e a Ditadura Militar Brasileira, evidenciando seu papel para os debates acerca da educação superior e dos modelos da universidade<sup>(1,2)</sup>.

O movimento estudantil apresenta-se como protagonismo da juventude e uma das oportunidades de inserção e atuação política no campo estudantil. Nesse sentido, o ingresso e a participação na vida universitária dão condições de conceber a representação da força do corpo social do estudante para além dos muros universitários<sup>(3)</sup>.

A própria legislação brasileira buscou caminhar com a necessidade da organização estudantil ou de controlá-la. O Governo Provisório de Getúlio Vargas, em 1931, pelo Decreto nº 19.851, instituiu o Estatuto das Universidades Brasileiras. O texto do decreto incluía a obrigatoriedade de associações estudantis nas universidades para desenvolver espírito de classe, defender interesses e proporcionar



um convívio agradável entre os estudantes e uma representação, no âmbito nacional, denominada Diretório Central dos Estudantes<sup>(4)</sup>.

A enfermagem se organiza em diversas dimensões, a saber: assistir, gerenciar, ensinar, pesquisar e participar politicamente. A última delas permeia os outros processos, considerando sua natureza, e está presente no ato *ethos* do cuidar em seu sentido *latu*. Participar no movimento estudantil é um dos modos de tornar a dimensão do cuidado consciente e viva, pois se entrelaça com a vivência – individual e coletiva – que, desde a sala de aula até os campos mais diversos, a vida universitária proporciona<sup>(5)</sup>.

A Associação do Governo Interno das Alunas, de 1923, instituída na Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (atual Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro), pela diretora Clara Louise Kieninger, que também exercia o papel de presidente honorária, configura um dos primeiros registros de organização estudantil no âmbito da enfermagem até os presentes estudos<sup>(6)</sup>.

Essa associação, em 1927, estabeleceu seu estatuto, que destacava as finalidades de desenvolvimento de liderança, capacidade de julgamento e expressão e visava à manutenção da disciplina e à organização de atividades sociais. A liderança estudantil, entretanto, encontrava dificuldades com o papel da diretora, que tinha poder de aprovar a lista de candidatos à diretoria da entidade, indicados por seu conselho, além do poder de convocar reuniões. Essa ideia de controle se amplia em 1925, com a diplomação da primeira turma, quando é criada a associação de ex-alunas, que estenderia o tempo de controle, agora sobre as egressas, mas que também atribuía a seus membros o prestígio de continuar sua relação com a Escola. Posteriormente, a associação estendeu-se para enfermeiras formadas em outras instituições e deu origem à atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn)<sup>(6)</sup>.

Em 1937, foi criada a União Nacional dos Estudantes (UNE), cujo papel era representar os estudantes brasileiros para as questões políticas e educacionais e congregá-los em discussões nacionais<sup>(7)</sup>.

Desde então, várias escolas de enfermagem têm registrado presença e ações de entidades estudantis em suas instituições. Décadas mais tarde, nos anos 1980, surge o Centro Acadêmico de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB), representação estudantil regulamentada segundo a Lei nº 7.395, de 31 de outubro de 1985, que, em seu Art. 4º, o considera entidade estudantil, representativa das instituições de ensino, que poderia, ainda, receber a denominação de Diretório Acadêmico<sup>(8)</sup>, responsável por defender os interesses dos discentes no campo universitário e fazer o contato direto das organizações estudantis nacionais ou estaduais com os estudantes. Além disso, o Centro Acadêmico mobilizava e organizava o corpo estudantil para participar das manifestações públicas<sup>(9)</sup>.

Mediante o exposto, emergiu o interesse em investigação sobre a construção histórica da entidade estudantil no curso de enfermagem, na Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, que teve o início de suas atividades no ano de 1982, com a criação do Centro Acadêmico de Enfermagem. Brasília era, então, a capital do Brasil, com uma geração de estudantes e docentes universitários que vivenciaram o final do período da Ditadura Militar. A participação estudantil, em especial durante o período abarcado no presente estudo, representa uma vontade coletiva por mudanças, que inclusive culminou na luta pelo processo de construção e implantação do Sistema Único de Saúde no país<sup>(10)</sup>.

Nesse sentido, o presente estudo apresenta como objetivo analisar a criação e consolidação do Centro Acadêmico de Enfermagem da Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, durante o período de 1982 a 1990.

#### **MÉTODOS**

#### Tipo de estudo

Trata-se de estudo situado no campo histórico, tendo como domínio a História da Enfermagem e abordagem metodológica da História Oral Temática. Essa metodologia atende à necessidade de construir fontes orais, relacionadas ao período de análise articulado e às ideias propostas pela História Nova, que propõe dar voz aqueles que não foram contemplados no discurso oficial.

A metodologia da História Oral Temática busca as vivências e os pensamentos dos entrevistados acerca de um assunto definido, permitindo a triangulação das falas com documentos legais ou outros tipos de fontes<sup>(11)</sup>. A triangulação de fontes documentais e das fontes orais entre si possibilita



inferências assertivas com redução da probabilidade de erros, permitindo que o estudo tenha maior tempo de consistência de seus dados, que podem ser refutados ou confirmados em outros estudos<sup>(12)</sup>.

A História Nova, originada na Escola dos *Annales*, Revista "*Annales D'histoire Economies et Sociales*", com Lucien Febvre e Marc Bloch, na França, no final da década de 1920, teve como ideais a interdisciplinaridade, removendo a história de seu isolamento disciplinar, a ampliação do escopo de uso das fontes e o avanço para uma história explicativa em detrimento da narrativa positivista<sup>(13)</sup>.

#### Procedimentos metodológicos

O desenvolvimento da pesquisa se deu a partir da busca de fontes documentais institucionais, literatura de contexto histórico-social dos movimentos estudantis associada ao curso de enfermagem da Universidade de Brasília, como decretos, leis, artigos científicos, teses, livros e periódicos, bem como fontes orais. A busca da documentação institucional ocorreu no Centro de Memória do Curso de Enfermagem da Universidade de Brasília, nos arquivos da mesma instituição, na literatura em *sites* eletrônicos, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e nos acervos pessoais dos entrevistados. A delimitação temporal do estudo foi de 1982 até 1990. O período inicial se refere à criação do Centro Acadêmico de Enfermagem, em 1982; e o final, à consolidação da entidade estudantil, em 1990.

O contato com os entrevistados ocorreu por *e-mail* ou por telefone, explicando os objetivos da pesquisa e questionando a disponibilidade para a entrevista. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado sustentado em três eixos: i) Inserção dos entrevistados na Universidade de Brasília; ii) A universidade no período estudado; e iii) O Centro Acadêmico de Enfermagem: da criação à consolidação.

A leitura documental inicial aponta para indivíduos-chave ou pontos zero, que serão os primeiros entrevistados. O indivíduo-chave indica os próximos entrevistados. O encerramento das entrevistas do estudo é norteado pelo critério de saturação, ou seja, quando as respostas dos indivíduos não agregam novas informações<sup>(11)</sup>.

O ponto zero foi a primeira presidente do órgão estudantil, conforme as informações dos documentos consultados, que, também, foram articuladas aos registros de oralidade para análise e discussão.

Verificar os subtítulos a serem utilizados de acordo com a categoria do manuscrito. Destaca-se a obrigatoriedade de citar os aspectos éticos envolvidos na produção da pesquisa histórica, ainda que não tenha realizado pesquisa com seres humanos. De igual modo, ao descrever o método na pesquisa histórica, destacar: o tipo de estudo, as etapas dos procedimentos metodológicos utilizados para lidar com as fontes o que inclui descrever: as fontes; a forma de coleta, organização e tratamento; a forma de análise (incluir o referencial teórico-metodológico); se utilizou algum *checklist*.

#### Coleta e organização dos dados

As entrevistas do presente estudo sofreram processo de transcrição e textualização com posterior categorização dos dados. Geralmente, as entrevistas na abordagem da História Oral podem ser submetidas às etapas de transcrição, textualização e transcriação. A transcrição é um trabalho técnico e extenso, que permite o cruzamento das subjetividades de entrevistador e entrevistado, no qual se converte o conteúdo da entrevista orais em um formato escrito, de forma fiel à gravação. A segunda etapa, denominada textualização, é um processo no qual as questões do entrevistador são retiradas e fundidas ao texto do entrevistado e ocorre também uma reorganização, por ordem cronológica ou temática, promovendo melhor disposição das ideias ao longo da entrevista. Por último, pode-se optar pela etapa de transcriação, na qual o autor recria o texto em sua plenitude, respeitando o que foi acordado com o entrevistado<sup>(11)</sup>.

#### Análise dos dados

A análise de dados se aproximou da História Oral Plena ou História Oral Pura, uma vez que o estudo das entrevistas se realizou a partir delas mesmas. Ou seja, realizam-se inter-relacionamentos entre as falas de vários entrevistados, combinando suas narrativas, garantindo autonomia e consistência



analítica, fazendo as entrevistas dialogarem e possibilitando análises comparativas com mescla de opiniões na rede de entrevistados<sup>(11)</sup>. No presente estudo, faz-se um avanço dessa abordagem, incluindo documentação na análise dos resultados.

#### Aspectos éticos

A presente pesquisa segue os preceitos éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização do Uso de Imagem e Som, sendo que houve filmagem da entrevista no caso de autorização do entrevistado. A identificação dos entrevistados foi dada por nomes de planetas, a fim de preservar o anonimato: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Quando foram mencionados nomes de professores, familiares e ou amigos pelos participantes, esses foram substituídos por nomes fictícios.

#### **RESULTADOS**

Quadros demonstrativos foram construídos com apresentação dos resultados para seguir a discussão, articulando literatura de aderência com os resultados. Após uma primeira leitura flutuante, seguida de leitura em profundidade das entrevistas, foram criados quadros comparativos de resumos. O diálogo entre as entrevistas e suas narrativas resultou em três eixos temáticos: Eixo I, "Inserção dos entrevistados na Universidade de Brasília", Eixo II, "A universidade no período estudado", e Eixo III, "O Centro Acadêmico de Enfermagem: da criação à consolidação", que foram triangulados com fontes (Quadro 1). Não foram localizados, até o momento, documentos acerca da criação do Centro Acadêmico, ou mesmo suas atas administrativas.

#### Quadro 1 - Fontes localizadas

#### Documento

Universidade de Brasília (UnB). Resolução Conselho Diretor nº 28, de 9 de abril de 1975. Aprova a criação do Curso de Graduação em Enfermagem da UnB. Brasília (DF);1975.

Universidade de Brasília (UnB), Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Departamento de Enfermagem (ENF) et al. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem. Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, nov. 2015.

Correio Braziliense. Grevistas voltam a ministra. Correio Braziliense. Edição 07142 (1). 14 de setembro de 1982. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Cardoso FA, Dytz JLG. Criação e consolidação do curso de enfermagem na universidade de Brasília: uma história de tutela (1975 – 1986). Esc. Anna Nery Rev. Enferm. 2008; 12(2): 251-257. DOI: 10.1590/S1414-81452008000200008.

Silva KLM, Batista PAB, Nogueira LMSA, Cruz KCT, Faustino AM. Maria Aurineide da Silva Nogueira, protagonista da enfermagem na Universidade de Brasília. Hist. Enferm. Rev. eletrônica [Internet]. 2019 [cited 2021 Mar 10];10(1): 44-50. Available from: http://here.abennacional.org.br/here/v10/n1/a4.pdf

Santos WF, Cruz KCT, Faustino AM. Curso de enfermagem da Universidade de Brasília: trajetória (1975-2015). Hist. Enferm. Rev. eletrônica [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 10]; 11(2): 85-98. Available from: http://here.abennacional.org.br/here/v11/n2/a1.pdf

Siglas: UnB = Universidade de Brasília; BVS = Biblioteca Virtual em Saúde.

A criação do Centro Acadêmico de Enfermagem da Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, na década de 1980, esteve intimamente relacionada à criação e ao desenvolvimento do curso<sup>(14,15)</sup>. O estudo contou com a participação de seis colaboradores, sendo um docente, com pseudônimo de **Terra**, e cinco egressos do curso, **Mercúrio**, **Vênus**, **Marte**, **Júpiter** e **Saturno**, que vivenciaram o período de formação desse Centro Acadêmico, ocorrido entre os anos de 1982 e 1990.



Considerando-se o **Eixo I: "Inserção dos entrevistados na Universidade de Brasília"**, os egressos referem entrada na universidade via vestibular, que na época era a única opção de ingresso. Para a docente **Terra**, a entrada foi por seleção e contratação docente:

Fui pra Universidade de São Paulo de Ribeirão para fazer mestrado, quando eu estava no mestrado recebi um comunicado que aqui em Brasília eles estavam precisando de professor de saúde mental... Foi autorizada a contratação de um professor, então eu vim, me submeti ao processo de seleção, fiz entrevista, falei dos meus projetos, e outra pessoa também veio, mas eu fui a selecionada. (Terra)

A questão geográfica parece ter constituído importante obstáculo no começo do curso, sendo que, segundo **Saturno**, a turma era composta por apenas quatro estudantes e o curso se situava em Sobradinho, mas com aulas no Plano Piloto, o que dificultava muito o contato com o orientador e complicou muito a logística do curso. A saber, Sobradinho é uma região administrativa de Brasília, e, quando se refere ao Plano Piloto, o egresso menciona a região que compreende a Asa Sul e Asa Norte em Brasília. A Universidade de Brasília se localiza na Asa Norte, sendo a distância entre Sobradinho e universidade de aproximadamente 20 quilômetros.

Quanto ao **Eixo II: "A universidade no período estudado"**, foram destacadas as greves de 1982 e de 1989, nas quais existiu a participação do movimento estudantil, e o problema da falta de professores. Além disso, é possível inferir, pelo relato dos participantes, que nem sempre houve um Departamento de Enfermagem. O curso de enfermagem, que fazia parte de um departamento vinculado ao curso de medicina, ainda estava se estruturando e passava por algumas dificuldades.

Na realidade não era departamento de enfermagem, nós nos tornamos departamento muito depois, a Faculdade de Saúde tinha três departamentos, e os cursos foram se agregando nesses departamentos, nós éramos do Departamento de Medicina Geral e Comunitária, então fazia parte deste departamento a pediatria, obstetrícia e a saúde da comunidade, e nós estávamos agregados a eles... e nós tínhamos um bom vínculo no departamento. (Terra)

[...] o curso ainda tinha muitas dificuldades, muitos professores ainda estavam sendo contratados. A época, durante o período acadêmico foi quando chegou a professora Orion, foi quando chegou a professora Terra, então a chegada era um tanto quanto lenta, mas o curso foi se estruturando [...]. (Mercúrio)

A fala dos entrevistados corroborou a documentação localizada. No contexto da Universidade de Brasília, em 18 de março de 1975, foi encaminhado ao reitor o projeto para criação do curso de enfermagem, que foi aprovado pelo Conselho Diretor da Faculdade de Ciências da Saúde no dia 9 de abril de 1975. Ao ser criado, o curso de enfermagem ficou sob a administração do Departamento de Medicina Complementar do Curso de Medicina, e, em janeiro de 1976, foi publicado o primeiro edital, que ofereceu 20 vagas no vestibular<sup>(14,15)</sup>.

Em setembro de 1976, a enfermeira Maria Aurineide da Silva Nogueira foi contratada como professora para o curso, em regime de dedicação exclusiva. Um dos primeiros trabalhos dela foi a organização de um quadro com a previsão quantitativa de docentes, tendo por finalidade atender às demandas do curso. Isso implicou a contratação de corpo docente, aumentando o quantitativo de 7 para 15 professores, bem como a criação do Departamento de Enfermagem que ocorreu em 1986 e teve por efeito a independência e a solução de vários problemas relacionados ao gerenciamento do curso<sup>(15-18)</sup>.

As dificuldades também foram sinalizadas por **Vênus**, que refere que, em sua época, a instituição era um núcleo pequeno, com alguns professores engajados e com apresentação de visões de mundo diferentes, mas que apresentou muitas mudanças nos recursos humanos, com número de vagas limitado para docentes e estudantes. A egressa menciona que perceber como a instituição evoluiu é algo encantador.

Para **Mercúrio**, o fato remeteu ao rompimento do reitor com o secretário da saúde, pela decisão do Governo do Distrito Federal de não permitir a entrada da Universidade de Brasília nos campos de prática da secretaria da saúde, que constituía o único local possível para realização do estágio em saúde mental, etapa com a qual a turma de **Mercúrio** estava envolvida no semestre. Os estudantes, então, se organizaram para reivindicar o campo de prática, a ausência de um Departamento de Enfermagem exigia a negociação com o diretor da Faculdade de Saúde.



[...] Não teve negociação. E tanto o curso de enfermagem quanto o curso de medicina iniciou o segundo semestre de 82 em greve... Essa greve durou o semestre inteiro, por volta do mês de outubro, a universidade inteira entrou em greve, em solidariedade... Participava das negociações a ministra da educação, o secretário da saúde, o reitor, a presidente do Centro Acadêmico de Medicina, e eu, que era a presidente do Centro Acadêmico de Enfermagem... Terminamos essa greve no início de dezembro, vitoriosos [...]. (Mercúrio)

A fala de Mercúrio é apresentada em reportagem intitulada "Grevistas voltam à ministra", sobre a greve de 1982. A reportagem apresenta a situação e motivação da greve organizada pelos estudantes dos cursos de enfermagem e medicina noticiada em 14 de setembro de 1982, no Jornal Correio Braziliense<sup>(19)</sup> (Figura 1).

## Grevistas voltam à ministra

Uma audiência hoje, às 16:15 horas, com a Ministra de Educação e Cultura, Esther Figueiredo Ferraz e a promessa do MEC de continuar servindo de mediador para a solução do problema do convênio entre a Fundação Hospitalar do Distrito Federal e a Fundação Universidade de Brasilia foi o saldo positivo da reunião mantida ontem, pelos estudantes de Medicina e Enfermagem da UnB, em greve há mais de 20 días, com o Assessor de Política Estudantil da Secretaria de Ensino Superior do MEC, José Walter Pereira dos Santos. Ontem, no final da tarde, os estudantes foram chamados para um diálogo com a reitoria.

Desde cedo, cerca de 200 estudantes de Medicina e Enfermagem da UnB, sairam em passeata da Faculdade de Ciências e Saude da UnB em direção ao MEC, passando antes pelo Conjunto Nacional e Rodoviária de Brasilia. Portando faixas, os estudantes explicavam que estavam em greve pela reativação do convenio, existente atè 1979, entre a UnB e FHDF e que se dirigiam para o Ministèrio de Educação e Cultura para saber a sua posição sobre o assunto e tamèm, receber uma resposta da Ministra sobre a mediação que ela prometeu fazer entre as parGREVÉ
Atualmente o número de estudiantes da área de saúde da UnB, em greve pela reativação do convênio existente até 1979 entre a Fundação Universidade de Brasilia e Fundação Hospitalar do Distrito Federal, que garantia o internato e o estaglio dos estudantes em hospitalas da rede hospitalar do DF, é de mais de 400, sendo cerca de 380 da Medicina e 35 da Enfermagem.

Da Medicina, estão em greve desde o dia 19 de agosto, os estudantes a partir do quarto semestre. Eles querem, principalmente, a garantia do internato em hospitais da rede hospitalar do Distrito Federal porque, segundo afirmam, o hospital Presidente Mèdici não comporta todos os estudantes que, a cada semestre, incham mais o seu já limitado espaço. O internato, para os estudantes de Medicina, representa a sua última oportunidade de praticar sua profissão, antes de serem "jogados no mercado de trabalho". Dai a importância dele ser bem feito.

Já os estudantes de Enfermagem em greve, em número de 35, pertencem ao ciclo profissionalizante do curso, que começa a partir do quinto semestre.

**Figura 1** – Excerto da reportagem publicada no Correio Braziliense, em 14 de setembro de 1982, sobre a Greve de 1982 dos cursos de saúde da UnB

Fonte: Hemeroteca Digital<sup>(19)</sup>.

**Vênus** menciona a ausência de docentes por um longo período, que representava angústia pelas disciplinas que não tinham professor. Os estudantes ficaram em protesto na porta da reitoria por vários dias, solicitando um docente para que o grupo pudesse concluir o curso.



Apesar de não ter sido citado pelos entrevistados, em 1984, também foi organizado um movimento pelos estudantes do curso de enfermagem da UnB, localizado em uma das fontes de pesquisa, na reportagem do Correio Braziliense, publicada em 23 de setembro de 1984. Na reportagem, é apresentada a reivindicação da contratação de novos professores para o curso. Os estudantes organizaram esse movimento a fim de forçar a contratação de docentes efetivos para o Ciclo Profissional, pois as disciplinas que eram obrigatórias foram ofertadas, contudo sem número de vagas (Figura 2)<sup>(20)</sup>.

# Greve pára aulas de enfermagem na UnB

Os estudantes de Enfer-matem (ciclo profissional) da Faculdade de Cièncias de Saude, da Universidade de Brasilia, estão em greve há uma semana. Eles desencadearam o movimento para forçar a contratação de professores efetivos para as cadelras de Introducão à Enfermagem e está-gia Enfermagem e Doen-cas Transmissiveis e En-termagem Médica e Cirúrgica I e 2, que foram ofere-cidas nesse semestre, mas seu número oficial de vagas estabelecido pela Faculdade.

lsso, segundo Néicia Márcia, do comando de greve, trouxe inúmeros prejulzos aos universitários da área obrigados a cursar essas cadeiras no semestre porque algumas delas são pré-requisito. Ontem, uma comissão de Enfermagem, composta pelas estudantes Sandra Sales, Lella Maria, Cristine Alves e Sonia Margarety Amaral, esteve reunida com o direlor da faculdade. Odillo Luis da Silva, para exigir uma solução no mais curio espaço de tempo.

No final, o diretor alen-deu uma das reivindicacoes: prometeu a contratação de uma professora, que jó chega a Brasilia na proxima segunda-feira, para assumir a cadeira de En-termagem Médica e Cirúrgica nº 02. As demais, vão depender, segundo o diretor, do surgimento de professores que estejam capa-citados, "pois não vamos contrator qualquer um, alcatoriamente", disse.

MOBILIZAÇÃO Depois do encontro, ontem, os grevistas realiza-ram uma assembiéta para decidir o desdobramento do movimento. Resolveram permanecer mobilizados até a Faculdade anunclar a contratação dos processores para as cadeiras que estão vagas. "Nossa posição é intransigente. Não aceitamos ficar sem aujas simplesmente porque não hà professores. Isso é

atè ridiculo", disse Sandra Sales.

Segunda-feira, dopois que for apresentada a titu-lar da cadeira de Enfermasem Médica e Cirúrgica nº 02, os estudantes de Enfermagem da Faculdade de Ciências e Saúde vão promover outra assemblela para fazer uma análise do para inter uma aname com movimento e ver a posição que será tomada com a contratação da nova pro-tessora.

Figura 2 – Reportagem publicada no Correio Braziliense, em 23 de setembro de 1984, sobre a Greve de 1984 do curso de enfermagem da UnB.

Fonte: Hemeroteca Digital(20)



Os estudantes ainda se envolveram na greve de 1989, que mesmo com desentendimentos entre departamento e corpo discente, segundo **Marte**, foi uma "greve daquelas caprichadas". Alguns frutos da greve foram colhidos por grupos posteriores.

[...] Nós tivemos o nosso primeiro embate, porque queriam acabar com o curso de enfermagem, o pessoal de medicina furou a greve, mas nós lutamos pela manutenção do concurso, e pela homologação do concurso, e eu não cheguei a usufruir dos professores que entraram naquela época... (Marte)

No Eixo III: "O Centro Acadêmico de Enfermagem: da criação à consolidação", foi possível inferir que a criação se deu em 1982, pela necessidade de lutar por campos de estágio. Entretanto, em 1983, as pessoas responsáveis por essa entidade representativa receberam outorga de grau, e nenhuma nova diretoria foi formada em substituição. O Centro Acadêmico de Enfermagem deixou de existir, e precisou ser recriado em 1986, quando a entidade conseguiu manter direções consecutivas:

Nós criamos o Centro Acadêmico formalmente, no início de 1982, por volta de abril de 1982, e criamos no contexto da necessidade que a minha turma teria dos cenários de prática relacionada à saúde mental, então já prevendo esse contexto e já prevendo a possibilidade de termos que entrar em greve, a gente criou esse Centro Acadêmico. Por isso que de certa forma a diretoria do Centro Acadêmico foi composta 100% por estudantes da nossa turma. [...] É que era só nós mesmos, porque a turma anterior a nossa, já era uma turma que estaria para formar, não se envolveu, então essa é uma dificuldade quando fica só a sua turma. Como se desenvolveu eu não tenho como dizer, por que eu formei, aliás, todo mundo formou, então o Centro Acadêmico acabou... o Centro Acadêmico ficou acéfalo, ficou sem ninguém, então um novo grupo teve que se organizar, para reestruturar o Centro Acadêmico. (Mercúrio)

Quanto às motivações para a criação do Centro Acadêmico de Enfermagem, os entrevistados mencionaram a necessidade de uma representação na universidade e da inserção dos estudantes de enfermagem no movimento estudantil universitário, sendo assim um meio legal de representação estudantil, que não existia até o momento, de acordo com **Vênus**. Segundo **Mercúrio** e **Marte**, um dos objetivos do Centro Acadêmico de Enfermagem era manter uma relação de diálogo entre estudantes e coordenação do curso, a fim de que o curso tivesse melhores condições para sua existência, como, por exemplo, o pleito na reitoria quanto à contratação de docentes por meio de abertura de concurso público, além da própria reestruturação curricular.

A falta de adesão de outras turmas e a inexperiência e imaturidade em algumas questões relativas às atividades do Centro Acadêmico de Enfermagem foram também temas referidos nas entrevistas como dificuldades enfrentadas:

Era decidir quem que ia ser presidente, quem ia assumir os papéis, o número é reduzido e não tinha ninguém acostumado a esse tipo de modelo, nós éramos bem inocentes sabe... é uma época que já começou a ter mais interesse pelo curso de enfermagem, aí o número maior de pessoas começou a procurar, porque era muito pequeno. (Vênus)

Um pouco da imaturidade nossa, de ter malícia em relação a algumas questões do ponto de vista pedagógico do curso, com relação a estrutura curricular. (Marte)

Percebe-se na fala dos egressos engajamento social e político com questões da academia e sociedade a que pertenciam. Os entrevistados realizavam muitas atividades simultâneas à graduação, mostrando dinamismo e liderança frente aos colegas e ao curso. Além disso, há relatos de poucas atividades extracurriculares oferecidas para os alunos da enfermagem à época.

Inúmeras, aqui, enquanto eu fui acadêmica, fui monitora em algumas disciplinas, a gente criou um Centro Acadêmico, em 1982, em atividade do Centro Acadêmico a gente participou de inúmeros movimentos estudantis, apesar de estar na fase final da ditadura, mas já era uma época em que o movimento estudantil voltava a se organizar, e a nossa participação foi bastante intensa nesse sentido. Fui representante dos estudantes no que hoje denominam departamento de enfermagem... por ter um conjunto de professores bastante aberto ao diálogo, eles abriram espaço para que os estudantes pudessem ter espaço de representação. (Mercúrio)



Observa-se também um compromisso entre os estudantes mais novos no curso e aqueles em períodos mais avançados, contando com orientação, em uma espécie de mentoria / tutoria indireta sobre as mais diversas questões universitárias, enquanto não tinham o Centro Acadêmico estruturado como espaço de apoio.

A gente se organizava assim, com os alunos que eram mais avançados que a gente, a gente via as dificuldades que eles tiveram, para a gente não ter as mesmas dificuldades, a gente conversava com eles, e íamos buscando entre os professores as soluções, e a comunicação com outros estudantes de outros Centros Acadêmicos, mesmo a gente não tendo [...]. (Saturno)

Vênus refere atividades de estágios e atuação como monitora, mas menciona a existência de poucas atividades extrauniversidade ligadas ao curso de enfermagem. Já para a egressa **Júpiter**, as atividades foram mais abrangentes, ela refere envolvimento no Centro Acadêmico de Enfermagem e em pesquisa e afirma que tinha muito interesse pela política, contando que assumir a executiva de enfermagem foi algo de destaque e digno de ostentar, com uma dose de desdém, junto aos demais colegas envolvidos com a política na universidade. Mesmo que o pleito no Diretório Central de Estudantes não tenha obtido sucesso, os representantes dos estudantes de enfermagem estavam na diretoria da União Nacional dos Estudantes.

E outra vitória nossa foi o Centro Acadêmico de Enfermagem participar ativamente na reconstrução do diretório de estudante, nós fizemos uma eleição, sabe aquela que a gente ganha, mas não leva, porque não teve quórum, e restabelecemos a discussão, porque até então tinha um conselho de entidades de base que participava todos os centros acadêmicos da universidade e discutia pontos com relação ao conselho universitário, então a gente tinha representação lá, e a nossa representação era forte. (Marte)

Corroborando a fala sobre a pesquisa, uma das atividades identificadas na documentação analisada foi a realização da 1ª Semana Científica de Enfermagem da UnB, organizada pelo Centro Acadêmico de Enfermagem da UnB e Departamento de Medicina Geral e Comunitária e realizada entre os dias 29 de maio e 1º de junho de 1986, na Faculdade de Ciências da Saúde, com professores convidados de diversas universidades, com taxa de inscrição de Cr\$ 50 cruzeiros e desconto de 50% para estudantes, noticiado em 28 de maio de 1986, no Jornal Correio Brasiliense<sup>(21)</sup> (Figura 3).

#### UnB faz semana de enfermagem Estão abertas até esta sexta-feira as inscrições para a 1º Semana Cicullica de Enfermagem da Un8. promovida pelo Departamento de Medicina Geral e Comunitária e Ccotro Académico de Enfermasem. As inscrições podem ser feitas no Centro Académico de Enfermagem, mediante o pagamento de laxa de Cz\$ 50,00 Estudantes pagam Cz# 25.00. Durante a semana entre os días 29 e 1º de junho, professores de diversas universidades farão conferências na Faculdade de Ciências da Saûde.

**Figura 3 –** Nota publicada no Correio Braziliense em 28 de maio de 1986 sobre 1ª Semana Científica de Enfermagem da UnB

Fonte: Hemeroteca Digital<sup>(21)</sup>.



Houve consenso na fala dos participantes acerca de que a participação no Centro Acadêmico de Enfermagem proporcionou oportunidades que no currículo comum não eram oferecidas. O aprendizado adquirido ao integrar órgão estudantil, além de às questões acadêmicas, referiu-se à participação conjunta de discentes e docentes nas decisões que permeavam o curso de enfermagem na instituição, em uma ação participativa e de corresponsabilidades assumidas desde a formação universitária:

Tão importante quanto o curso. A participação nas lutas de um Centro Acadêmico forma muito melhor o acadêmico do que aquele que não participou. E eu completaria dizendo que, o que a gente aprende nas lutas do movimento estudantil, currículo de curso nenhum ensina, currículo nenhum te ensina a ser mais corajoso, currículo nenhum te ensina a enxergar melhor o mundo, currículo nenhum no mundo te dá essa experiência e habilidade de estar negociando com pensamentos diferentes. (Mercúrio)

Pode-se observar, nos discursos dos participantes, dificuldades enfrentadas nos primeiros anos da criação do Centro Acadêmico de Enfermagem, bem como na construção do curso e do departamento.

#### **DISCUSSÃO**

O contexto histórico que este estudo analisa é entre os anos de 1982 e 1990, período marcado por dois momentos políticos significativos: o último governo do regime militar, Governo de João Figueiredo (1979–1985), e a volta à democracia, Governo de José Sarney (1985–1990). O regime militar só findou em 1985, entretanto, no início da década de 1980, ele não se apresentava da mesma forma que em 1960 e 1970, tão violento e repressivo. Ainda assim, a época em que a violência atingiu seu ápice deixou marcas profundas. O medo trouxe a despolitização, a redução das atividades corporativas, o incentivo à privatização da economia, a adoção de estratégias individualistas de sobrevivência, a competição e a especulação<sup>(22,23)</sup>.

Durante a década de 1980, a abertura política já estava planejada para um período seguinte, que carregava as marcas de uma sociabilidade fragmentada e repleta de incertezas decorrentes do autoritarismo do regime militar.

A militarização do governo contribuiu para a acentuada diminuição da militância após os anos de 1970. Entretanto, os acadêmicos de todo o Brasil seguiram os caminhos possíveis após o fim da ditadura para tentativa de reerguer o movimento estudantil e acompanhar outros movimentos sociais urbanos<sup>(23)</sup>.

O ingresso e a permanência no Centro Acadêmico de Enfermagem, em seu início, estavam atrelados à necessidade de defender os interesses coletivos, o auxílio às demandas emergentes dos estudantes de enfermagem, assim como a criação de uma representação política para o curso. As motivações e as propostas dos acadêmicos ao ingressarem no movimento estudantil, por meio da participação no órgão estudantil, eram de múltiplas ordens. Entretanto, promover mudanças, criar um órgão de representação na Universidade e reivindicar a resolução de problemas urgentes, como os ligados à falta de professores e campos de estágio, foram propostas comuns no discurso dos participantes entrevistados na presente pesquisa.

O agir politicamente não é apenas a quinta dimensão do cuidar, mas também a que, com maior facilidade, influencia as demais. É essencial que os enfermeiros tenham o pensamento crítico, reflexivo e prezem pelo fortalecimento coletivo da profissão, envolvendo-se, desde a graduação, nas atividades que trazem visibilidade às causas da área. O Centro Acadêmico é um importante aliado no processo de concepção da cidadania, sendo um espaço de autonomia discente, por meio do qual os alunos se tornam sujeitos do seu processo de educação. Ao buscarem uma nova forma de construção de saber, eles se tornam aptos a compreender a politicidade do cuidado<sup>(5)</sup>.

Os órgãos de representação estudantil são territórios de representação que conduzem a movimentos diversos que abrangem questões emergentes que necessitam de tomadas de decisões, por meio de debates, que levam a participação coletiva<sup>(24)</sup>.

As dificuldades enfrentadas foram distintas nas diferentes diretorias do Centro Acadêmico de Enfermagem da Universidade de Brasília. Entre elas, a baixa adesão dos discentes, a escolha de pessoas para assumir os papéis de liderança e a falta de malícia e maturidade relacionada a algumas questões políticas e pedagógicas foram destaques abordados pelos entrevistados.



Durante o processo de reconstrução do movimento estudantil, em 1979, pode-se notar a falta de sentido coletivo da atuação estudantil. Não era mais possível comparar o movimento estudantil com os moldes dos anos de 1960, pois a sociedade havia mudado, assim como os próprios setores dos quais os acadêmicos eram oriundos<sup>(22)</sup>.

A universidade era caracterizada como uma aglomeração de escolas voltadas a fins diferentes dentro do campus, em que a formação técnica e a humanista eram contrárias, o que já representava a fragmentação do conhecimento proposto nos anos de 1960. Essa fragmentação atingiu o movimento estudantil à medida que não se podia reconhecer um território próprio, por causa da ausência de protagonistas que o assumissem. O estudante não se enxergava mais como categoria social, e sim como futuro profissional de uma área específica que só estaria de passagem pela universidade<sup>(22)</sup>.

O conceito de política estudantil é dado para designar um processo realizado por um corpo de estudantes, a fim de adquirir benefícios, melhorias e resoluções em temas de seu interesse e de um coletivo. Deve ser considerado mais do que uma luta para defender os direitos estudantis na universidade, pois envolve a promoção de cidadania, educação e conscientização política. A participação política ainda durante a formação acadêmica irá melhor preparar futuros profissionais para o mais completo exercício de suas potencialidades no *corpus* social<sup>(24)</sup>.

Contudo, nem só as dificuldades foram vivenciadas pelos entrevistados, houve satisfação pelo dever cumprido e resultados para sua formação como cidadão e futuro profissional. A respeito das contribuições que a participação nesse órgão de representação estudantil proporcionou para a formação profissional, os egressos entrevistados referiram um rendimento substancial nos acabamentos de sua formação, aperfeiçoando o discernimento crítico de questões que exigem decisões reflexivas. O ingresso no Centro Acadêmico de Enfermagem, e posterior movimento estudantil da universidade, permitiu o compartilhamento de conhecimentos e informações, a pesquisa e o acesso a outras realidades, experiências que possivelmente não seriam proporcionadas somente pelos currículos escolares universitários.

Os estudos que envolvem entrevistas com relatos do passado estão sujeitos ao peso do tempo na memória de cada entrevistado e à seleção, proposital ou não, de momentos que o indivíduo acredita serem mais importantes, ou omissão de determinados eventos. Envolvem também a possibilidade de equívocos, como a lembrança de datas, por exemplo. Nesse sentido, a História Oral Temática apresenta-se como estratégia interessante no sentido de colocar em embate a memória e as fontes diversas, inclusive aquelas que representam a história oficial. Se, por um lado, fontes que representam a história oficial (atas, decretos, leis, entre outros) possibilitam reduzir a subjetividade, por outro lado, elas são merecedoras de análise profunda, uma vez que não estão isentas de interesses, jogos políticos e, ainda, descrição somente da história dos vencedores. Considerando que entrevistas envolvem relatos orais que emergem da memória, fatos, acontecimentos e esquecimentos ocorrem mediante a seleção de cada relato. Isso implica lacunas (in)conscientes, o que conduz a uma determinada versão arbitrária produzida pelos sujeitos envolvidos.

Cabe retomar a ideia de que a História Oral não está em busca do que se considera a verdade, mas sim, nas versões históricas, de experiências e sentimentos criados por indivíduos, que muitas vezes tiveram suas vozes caladas no discurso oficial. Trata-se de fazer ver e fazer perceber como a memória construiu perspectivas sobre um mesmo tema e como ela articula, refuta ou corrobora a história oficial.

Nesse caso, é proferir parte importante da história da enfermagem brasileira pela voz e vez dos estudantes e de outros sujeitos que vivenciaram o movimento estudantil na Universidade de Brasília e na enfermagem. É trazer à baila o preenchimento de uma lacuna da história profissional e fazer o convite implícito para que estudos futuros sejam realizados, ampliando as fontes e a delimitação temporal e debatendo os resultados apresentados.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A participação política durante a graduação enriquece a formação do enfermeiro, tendo em vista sua forte ligação com todas as outras áreas do cuidar. Através dela, torna-se possível a construção de um pensamento crítico-reflexivo sobre a profissão e sobre as políticas públicas, e aprende-se a lidar melhor com situações de conflitos e a saber reivindicar melhorias na qualidade dos serviços de saúde, por meio do conhecimento de suas estruturas e práticas gerenciais. Essa atuação desenvolve,



ainda, a habilidade da comunicação, possibilitando enxergar o contexto social envolvido e levá-lo em consideração.

A participação ativa dos entrevistados no processo de politização e melhoria do curso de enfermagem da Universidade de Brasília é nítida em seus discursos e nos frutos que suas gestões deixaram. As lutas travadas pelo Centro Acadêmico de Enfermagem extrapolaram os muros da Faculdade de Ciências da Saúde. Esse centro acadêmico foi ativamente atuante no movimento estudantil geral da universidade e fez-se representar em âmbito nacional, como na Executiva Nacional de Estudantes de Enfermagem, levando consigo o nome do curso de enfermagem da Universidade de Brasília e sua organização estudantil.

Muitas foram as dificuldades enfrentadas nos primeiros anos de existência do Centro Acadêmico de Enfermagem, relacionadas ao período político, à ausência de um departamento, ao número escasso de professores, à falta de campos de estágios e ao despreparo dos discentes para atuar politicamente. Entretanto, isso não impediu o trabalho, nem que as pessoas que assumiram papel de liderança frente a esse órgão de representação buscassem formas de se aprimorar e lutar pela melhoria do curso e da enfermagem no cenário nacional. Assim, esses sujeitos construíram uma história de lutas, que geraram frutos possíveis de serem vistos até os dias atuais.

A História da Enfermagem, enquanto instrumento de empoderamento profissional, mostra aqui a possibilidade de um olhar para as contribuições do movimento estudantil ao longo desses mais de 130 anos de enfermagem brasileira organizada em escolas e a importância de empoderar a voz dos estudantes. As contribuições deste estudo, podemos afirmar, tratam do micro para macro, quando, nesse contexto, a voz ativa dos estudantes da enfermagem na Universidade de Brasília passa a ser institucionalizada e os registros de fatos/acontecimentos não ditos são apresentados, analisados e discutidos, promovendo o diálogo com o movimento estudantil nacional.

#### **REFERÊNCIAS**

- Mesquita MR. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais. Rev Crit Cienc Soc. 2003;66:117-49. https://doi.org/10.4000/rccs.1151
- Bittar M, Bittar M. Os movimentos estudantis na história da educação e a luta pela democratização da universidade brasileira. EccoS Rev Cient. 2014;34:143-59. https://doi. org/10.5585/eccos.n34.4346
- Foracchi MM. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. São Paulo: Editora Nacional: 1977.
- Bessa MN, Amorim W. Os efeitos do movimento estudantil na enfermagem. In: Porto F, Amorim W, organizers. História da enfermagem. São Caetano do Sul (SP): Editora Yendis; 2010. p. 307-78.
- Galvão M, Silva ACP, Paula CF, Araújo CR, Santos ASP, Ferreira LV. O ato de cuidar: experiência política no diretório acadêmico Celina Viegas. Rev Enferm UFJF. 2018;3(2):105-10. https://doi. org/10.34019/2446-5739.2017.v3.14003
- Barreira IA, Sauthier J, Baptista SS. O movimento associativo das enfermeiras diplomadas brasileiras na 1a metade do século 20. Rev Bras Enferm. 2001;54(2):157-73. https://doi. org/10.1590/S0034-71672001000200002
- União Nacional dos Estudantes. História da União Nacional de Estudantes [Internet]. São Paulo: UNE; 2009[cited 2021 Mar 01]. Available from: http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/
- 8. Presidência da República (BR). Lei nº 7.395, de 31 de outubro de 1985. Dispõe sobre os órgãos de representação dos estudantes de nível superior e dá outras providências. Brasília, DF: PR; 1985[cited 2021 Mar 01]. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/l7395.htm
- Menezes ET. Dicionário interativo da educação brasileira [Internet]. São Paulo: Midiamix Editora;
   2001[cited 2021 Mar 01]. C.A. (Centro acadêmico); [about 1 screen]. Available from: https://www.educabrasil.com.br/ca-centro-academico
- Sousa JA, Farias QLT, Costa MM, Fontenele Júnior AAM. Formação política na graduação em enfermagem: o movimento estudantil em defesa do SUS. Saude Debate. 2019;43(spe 5):312-21. https://doi.org/10.1590/0103-11042019S525



- 11. Meihy JCSB, Ribeiro SLS. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, família. São Paulo: Editora Contexto; 2019.
- 12. Porto F, Freitas GF, Siles González J. Fontes históricas e ético-legais: possibilidades e inovações. Cult Cuid. 2009;13(25):46-53. https://doi.org/10.14198/cuid.2009.25.07
- 13. Le Goff J. A história nova. 5th ed. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
- 14. Universidade de Brasília (BR). Resolução Conselho Diretor nº 28, de 9 de abril de 1975. Aprova a criação do Curso de Graduação em Enfermagem da UnB. Brasília, DF: UnB; 1975.
- Santos WF, Cruz KCT, Faustino AM. Curso de enfermagem da Universidade de Brasília: trajetória (1975-2015). Hist Enferm Rev Eletron [Internet]. 2020[cited 2021 Mar 01];11(2):85-98. Available from: http://here.abennacional.org.br/here/v11/n2/a1.pdf
- Cardoso FA, Dytz JLG. Criação e consolidação do curso de enfermagem na universidade de Brasília: uma história de tutela (1975-1986). Esc Anna Nery. 2008;12(2):251-7. https://doi. org/10.1590/S1414-81452008000200008
- 17. Silva KLM, Batista PAB, Nogueira LMSA, Cruz KCT, Faustino AM. Maria Aurineide da Silva Nogueira, protagonista da enfermagem na Universidade de Brasília. Hist Enferm Rev Eletron [Internet]. 2019[cited 2021 Mar 01];10(1):44-50. Available from: http://here.abennacional.org.br/here/v10/n1/a4.pdf
- 18. Universidade de Brasília (UnB); Departamento de Enfermagem. Projeto pedagógico do curso de graduação em enfermagem. Brasília, DF: UnB; 2015.
- Grevistas voltam à ministra. Correio Braziliense [Internet]. 1982 Sept[cited 2021 Dec 09];
   Cidade:16. Available from: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274\_03&Pesq=Grevistas%20voltam%20%c3%a0%20ministra&pagfis=34305
- Greve pára aula de enfermagem na UnB. Correio Braziliense [Internet]. 1984 Sept 23]; Cidade:39.
   Available from: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274\_03&pasta=ano%20 198&pesq=&pagfis=61239
- 21. UnB faz semana de Enfermagem. Correio Braziliense [Internet]. 1986 May 28[cited 2021 Mar 01];Cidade:20. Available from: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader. aspx?bib=028274\_03&pasta=ano%20198&pesq=&pagfis=83075
- Barbosa A. A (des)articulação do movimento estudantil: décadas de 80 e 90. Educ Teoria Prat [Internet]. 2002[cited 2021 Mar 01];10(18-19):5-14. Available from: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1139/1045
- Sousa JTP. Reinvenções da utopia: a militância política dos jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker;
   1999.
- Escudeiro CL, Benito LAO, Chagas Filho GAS. Diretório acadêmico Aurora de Afonso Costa: fragmentos da história. Online Braz J Nurs. 2005;4(1):42-52. https://doi. org/10.17665/1676-4285.20054828